



O TÚNEL DO TEMPO: UM ESTUDO DE HISTÓRIA E AUDIOVISUAL, ALGUMAS REFLEXÕES

Anderson R. Neves*

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

anderson_neves@ymail.com

Hélton Santos Gomes**

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

hellpet@hotmail.com



Deliciosamente etnocêntrico, ingênuo na forma, óbvio na caracterização, inverossímil, porém, indiscutivelmente, não se pode considerá-lo inofensivo.

Andréa Doré

Encontramo-nos em meio a um período que pululam, em diversas esferas, trabalhos que dialogam com as linguagens comuns aos mecanismos do audiovisual. A fim de discutir questões suscitadas pela série norte-americana *O túnel do tempo*, Dennison de Oliveira organizou/coordenou um trabalho que se propõe a analisar a estética e principalmente as temáticas contidas nos episódios da referida série. Nesse ínterim, buscamos de forma concisa apresentar e dialogar com as múltiplas interpretações encontradas na obra.

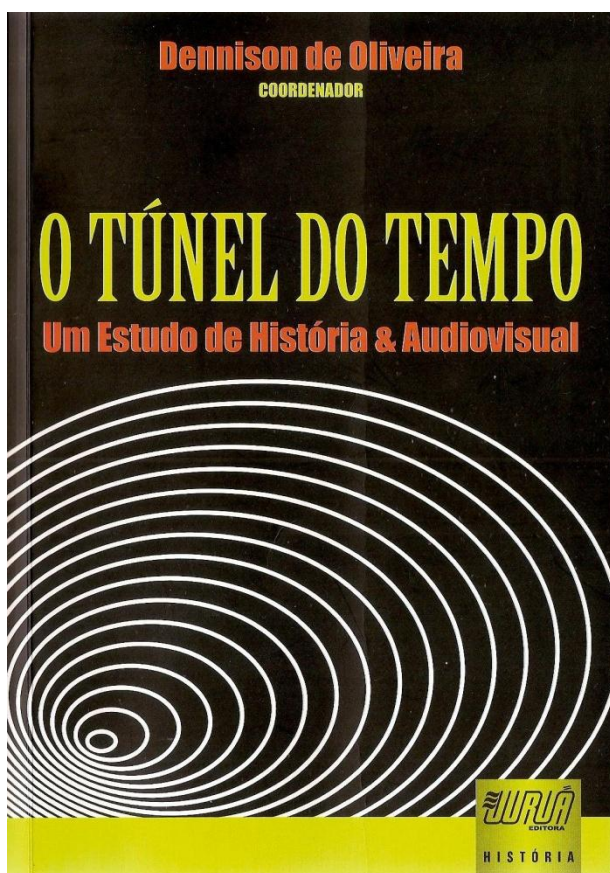
* Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

** Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

O livro *O túnel do tempo: um estudo de História e Audiovisual* é resultado de um trabalho coletivo que contou com a contribuição de diversos estudiosos com diferentes formações e níveis entre graduandos, graduados, mestrands, mestres, doutorandos e doutores sob a coordenação do professor Dennison de Oliveira integrante do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

No decorrer do livro, os autores se debruçam sobre a série de apenas uma temporada com 30 episódios, sendo ela, criada e produzida pelo nova-iorquino Irwin Allen em conjunto com a rede norte-americana de televisão ABC nos anos 1966/1967

“*The Time Tunnel*”, que traduzida para o português entende-se “**O Túnel do Tempo**”, foi exibida no Brasil somente nos anos 1970 e 1980. O livro é composto por um total de 32 capítulos, sendo que, os dois primeiros foram dedicados à apresentação das referências teóricas e metodológicas que foram empregadas nas análises, sendo estes dois primeiros capítulos assinados pelo coordenador do trabalho, e os outros 30 capítulos são escritos pelos demais pesquisadores de modo que cada um realizou a análise de um episódio da série televisiva de acordo com uma metodologia preestabelecida.



Destarte, nos capítulos 1 e 2 Oliveira expõe a natureza de seu objeto de pesquisa e realiza uma breve biografia do produtor Irwin Allen. Desta feita, disponibiliza ao leitor as opções metodológicas e exprime o intuito de atender às finalidades propostas pelo projeto que, segundo o mesmo, são: “contextualizar, analisar e interpretar o sentido proposto para o entendimento da História pela minissérie televisiva **O Túnel do Tempo**”.¹ Ainda de acordo com mesmo, a metodologia utilizada

¹ OLIVEIRA, Dennison de. (Coord.). **O túnel do tempo: um estudo de história & audiovisual**. Curitiba: Juruá, 2010, p. 22.

se deu com o intuito de permitir aos pesquisadores perceberem o sentido, tanto explícito quanto implícito do filme sem deixar de lado a análise dos componentes que definem a estética do filme (enquadramento, cenarização, divisão em planos, efeitos especiais, roteiro, interpretação dos atores, edição sonora, edição de imagens, etc.), e nem a recepção da mesma por parte do público. Também foi permitida aos pesquisadores a utilização da metodologia comparativa, ou seja, se permitiu fazer comparações com outros filmes já realizados sobre o tema apresentado em cada episódio da série que esta sendo discutida no livro.

Conforme dito anteriormente, do capítulo terceiro em diante os episódios são analisados individualmente. Cada autor procurou desenvolver seus respectivos estudos respeitando fielmente a metodologia proposta, demonstrando um grande afã em atingirem um objetivo comum: mostrar que a série exerceu e ainda exerce influencia sobre o imaginário coletivo no que se refere às nossas concepções de tempo, história e ciência.

O livro é de leitura fácil e suave, contudo, em alguns momentos transmite uma sensação de repetição causada no leitor devido a algumas informações excessivas sobre o texto definido por contexto, sensação essa que aparece em diferentes capítulos. No entanto, isto já era previsto pelo coordenador que, já no segundo capítulo alerta o leitor para este fato e explica o porquê que isto ocorre. Segundo ele, isto se dá pelo fato de permitir que cada capítulo pudesse adquirir sua própria identidade de modo que pudessem se tornar autossuficiente em si mesmo, o que possibilita que o leitor leia a obra na ordem que lhe aprouver.²

Nos levantamentos que tangem à recepção da série televisiva, segundo os autores, a série era vista por seus fãs como uma “verdadeira aula de História”, um “espelho da realidade” onde os fatos históricos eram ali representados de forma imparcial. Porém, o livro cumpre bem o papel de revelar que pensar desta maneira é um equívoco. Não há dúvida que isto só foi possível devido ao fato de que os pesquisadores tomaram como exemplo a metodologia utilizada e desenvolvida por Pierre Sorlin onde o mesmo procura relativizar a relação existente entre a obra, no caso o filme, e o espectador/público a partir de homologias entre os filmes e o meio que lhes dá origem.³

² OLIVEIRA, Dennison de. (Coord.). **O túnel do tempo: um estudo de história & audiovisual**. Curitiba: Juruá, 2010, p. 25.

³ KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008, p. 19.

Assim sendo, tomando de empréstimo as palavras de Kornis, “predominaria aí a ideia de que os cineastas não copiam a realidade, pois, ao transpô-la para o filme, revelam seus mecanismos, mantendo-se assim a noção do cinema enquanto instrumento de revelação de uma mentalidade”.⁴

Durante estes primeiros apontamentos feitos acima não encontramos nenhum problema de abordagem teórico-metodológico no livro. O problema surge a partir do momento que alguns pesquisadores partem forçadamente de uma ideia em que o contexto determinaria os meandros do texto, ou seja, a ideia de que o momento e o lugar de produção define a obra artística. Não descredenciamos a importância de avaliar o lugar e o momento em que a obra foi urdida, destarte acreditamos que avaliando a obra como sendo determinada pelo momento de produção, o pesquisador ficaria condicionado a procurar na obra aquilo que o contexto lhe diz, perdendo com isto grande parte do potencial analítico que a obra pode nos proporcionar. Sem mencionar o fato de que, muitas vezes, o contexto direciona a leitura sobre determinada obra prejudicando assim a leitura e a compreensão do todo, podendo com isto provocar algumas generalizações, como foi o caso de algumas análises feitas no livro **O túnel do tempo**. Para exemplificar, ainda que de maneira breve, as problemáticas supracitadas, podemos citar o capítulo 31 do livro, denominado *Invasores do espaço sideral* escrito por Maíra Soares Albuquerque, poderíamos também nos referir ao capítulo 20 denominado *Um mundo além das estrelas* de autoria de Uliana Kuczynski.

Soares ao discorrer sobre a noção de história universal faz as seguintes observações:

Partindo-se do princípio de que o conhecimento histórico a respeito de um determinado período exerce grande influência sobre a imagem fílmica, **pode-se dizer que as cenas das viagens de Tony e Doug** [protagonistas da série] ao passado **estão imbuídas de influência, não somente de uma ‘linha editorial’ da produção, mas também do imaginário da década de 1960 a respeito das épocas representadas.** [...] ⁵ [Destaque nosso]

E continua

Ao analisarmos a linguagem utilizada nas cenas e principalmente os conceitos trabalhados pela narrativa, encontraremos entre as ideias mais centrais de **O Túnel do Tempo** a questão do progresso. A

⁴ KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008, p. 19.

⁵ OLIVEIRA, Dennison de. (Coord.). **O túnel do tempo: um estudo de história & audiovisual**. Curitiba: Juruá, 2010, p. 256.

maneira como as épocas históricas visitadas por Doug e Tony são classificadas, na própria concepção dos personagens, remete-nos à ideia de história universal, ou seja, à noção de que a história caminha linearmente para uma direção, quase que com um objetivo. Este conceito está presente, por exemplo, na atitude das personagens quando deparadas com tecnologias mais avançadas. No início do episódio 18, ‘*Visitors from Beyond the Stars*’ (‘Um mundo além das estrelas’) ainda sem saber em que ano e onde estava, Tony chega até mesmo a arriscar o cálculo de quantos anos exatamente ele e seu colega Doug teriam avançado no futuro para que pudessem ser testemunhas de tal avanço tecnológico. Trezentos anos é o espaço de tempo que, na avaliação de Tony, os separaria de seu tempo presente, ou seja, do ano de 1968. **Se a previsão do cientista estava correta ou não é menos importante do que o fato de que lhe pareceu natural prever o destino da humanidade em três séculos.**⁶ [Destaque nosso]

Apesar da autora mencionar em seu texto o fato de que a ideia de progresso dentro das concepções históricas do homem oscilou ao longo do tempo, a nosso ver, ela desconsiderou o fato de que numa pesquisa histórica não se pode generalizar, e muito menos tomar como únicas algumas representações recorrentes sobre determinada temática nos cenários mentais de grande parte da população. Estamos dizendo isto porque, como mencionamos anteriormente, a autora afirmou que as cenas das viagens dos protagonistas estão imbuídas de influência também do imaginário da década de 1960 a respeito das décadas representadas. É aí que temos um problema porque neste mesmo ano o húngaro naturalizado estadunidense, produtor e diretor de cinema, Györgi Pál Marczincsák cujo nome artístico é George Pal, lançou o filme *The Time Machine/A Máquina do Tempo* baseado no livro homônimo de H. G. Wells de 1895.⁷

O discurso da referida obra é, em grande medida, dissonante ao discurso proposto pela série televisiva. Não podemos negar que o filme é portador de um discurso pessimista totalmente contrário ao discurso produzido pela série. Se

⁶ OLIVEIRA, Dennison de. (Coord.). **O túnel do tempo: um estudo de história & audiovisual**. Curitiba: Juruá, 2010, p. 257

⁷ Vale ressaltar que como se trata de um roteiro adaptado o filme nos permite realizar uma série de leituras distintas uma da outra. Pode servir para uma análise crítica, embora de forma mais amena que a proposta por Wells, sobre a sociedade inglesa da era Vitoriana do século XIX onde a “Classe operária” seriam os (*Morlocks*) e a “Nobreza inglesa” os (*Elois*); pode ser visto apenas como uma luta entre o bem (*Elois*) contra o mal (*Morlocks*). Por outro lado, este mesmo filme pode ser analisado também pelo viés otimista já que o protagonista (George) retorna para o futuro, motivado pela paixão por Weena, com o intuito de ajudar os *Elois* a construírem um novo mundo, ou seja, a civilização. Deste modo, podemos dizer que se trata de um filme de dupla camada, uma otimista e outra pessimista que se sobrepõem. Cf. DUTRA, Daniel Iturvides. **Literatura de ficção-científica no cinema**. A transposição para a mídia fílmica de A Máquina do Tempo de H. G. Wells. 111 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, f. 59.

analisarmos o filme de Pal, de acordo com os padrões utilizados pelos autores dos capítulos do livro aqui resenhado, além de podermos entendê-lo melhor, poderemos também elucidar a ideia supracitada de que a obra perdeu grande parte de seu potencial analítico, já que os pesquisadores envolvidos procuraram somente aquilo que estava explícito na película, fazendo o oposto daquilo que fora proposto, segundo a metodologia adotada. Valemos-nos de um exemplo para elucidar o que apontamos: é notório o fato de que todos os autores do livro não fugiram do contexto da Guerra Fria ao analisar os episódios, então, como exercício nos utilizaremos da mesma metodologia (análise contextual) para realizarmos este exercício demonstrativo.

Tomando o filme de George Pal neste contexto e somando-se a isto a iminência de uma guerra nuclear não seria, assim como não foi e continua não sendo para muitos, nenhum absurdo o filme prever que o futuro da humanidade seria destituído de esperança, sem livros, onde nem mesmo se conhecia o fogo, como diz a personagem George: o futuro seria uma nova “era das trevas”. Feito estas ponderações somos obrigados a nos perguntar como Albuquerque pode afirmar que “o presente encontra-se dominado pela ideia de revolução permanente e de ruptura com o passado na busca de um sentido histórico. Esta noção de que a história – e a humanidade – não somente tem uma direção exata, mas também está em constante superação de si mesma é algo que permeia o embasamento conceitual de **O Túnel do Tempo**”?⁸ Uma vez que a comparação com outras obras foi permitida, porque a autora se absteve de utilizar o filme *A máquina do tempo*, lançado no mesmo decênio que a série televisiva para utilizar o filme do diretor Robert Zemeckis de 1985 *De volta para o futuro*?

A série pode sim ter construído uma narrativa em que a história, a humanidade, esteja em constante superação de si mesma e, conseqüentemente, pode ter influenciado pessoas, porém, não podemos afirmar que apenas a série tenha exercido esta “maior” influencia ou ditado padrões de comportamento, até mesmo porque, como evidenciamos, haviam narrativas opostas que evidenciavam um futuro pessimista para a humanidade. Deste modo, acreditamos que algumas análises foram construídas com algumas falhas ou com insuficiência na defesa da argumentação.

Se um dentre todos os autores tivessem utilizado o filme de George Pal para comparar com a série televisiva acreditamos que seria de grande valia e enriqueceria

⁸ OLIVEIRA, Dennison de. (Coord.). **O túnel do tempo**: um estudo de história & audiovisual. Curitiba: Juruá, 2010, p. 259.

muito o livro, uma vez que ampliaria as referências dos textos que compõem a obra, onde a maioria dos filmes utilizados para este fim conflui na mesma direção daquela apontada pela série: de que o futuro é sempre mais evoluído em relação ao presente, o que nos permitiria questionar ou propor a seguinte questão: será que as representações realizadas pela série *O túnel do tempo* realmente correspondem ao imaginário da época? Será que a série realmente exerceu influência sobre o imaginário coletivo nacional do período no que se refere à formação das nossas concepções de tempo, história e ciência? Será que o público brasileiro, em geral, já não possuía uma ideia sólida acerca das concepções de tempo, história e ciência adquiridas ao longo da vida sem necessariamente terem sofrido influências da série? O objetivo aqui não é dar a resposta e sim propor questões e apontar direções de análise e raciocínio, até mesmo porque temos pouco material referente à recepção da obra. Porém, gostaríamos de nos posicionar. Acreditamos que a noção de tempo, história e ciência referida pelo livro já preexistia no imaginário coletivo antes mesmo da realização da série devido a uma série de fatores. Para citar apenas um destes fatores, podemos mencionar o ensino escolar da época, tanto é que o livro relata que alguns fãs disseram que a série era uma “[...] verdadeira aula de história”.⁹

Estes apontamentos se tornam mais sólidos se pensarmos da seguinte forma: para que esta série, que reproduzia sob sua óptica um evento histórico, fosse bem recebida pelo público e alcançasse o sucesso, a reconstrução destes eventos precisaria de um terreno comum, ou seja, precisariam ser representados de modo a fazer com que o público os identificassem, era preciso haver “uma linguagem visual comum”. Para alcançar tal objetivo se elegia, a cada episódio, um fato histórico. Posto isto, utilizaremos a assertiva de José Roberto Braga Portella, autor do trigésimo capítulo, denominado *Os raptos*, como pergunta: “pode se afirmar que **The Time Tunnel** exige do telespectador um conhecimento (ou ao menos um interesse por) de história incomum”?¹⁰ Acreditamos que não. A série não exige do telespectador um interesse

⁹ Ainda hoje sabemos que em várias escolas, sobretudo estaduais, o ensino ainda não ocorre de forma satisfatória. O ensino de História, por exemplo, que trabalha com as noções de tempo em muitos casos se dá forma a contemplar uma narrativa única dos fatos, sem conflitos, problemas e divergências, o que favorece o aluno a pensar que o passado é/foi realmente de acordo com aquilo que lhe foi passado durante a aula.

¹⁰ Entendemos por *incomum* aquilo que não é comum; aquilo que é extraordinário; invulgar; raro; singular. OLIVEIRA, Dennison de. (Coord.). **O túnel do tempo**: um estudo de história & audiovisual. Curitiba: Juruá, 2010, p. 250.

incomum por história pelo fato de que seus realizadores a cada episódio elegem apenas um “fato histórico” e a partir dele desenvolvem outra narrativa que não está preocupada com a veracidade histórica.

Parece-nos mais palpável a ideia de que a série não está preocupada com a noção de processo histórico, não visa elucidar os antecedentes de determinados acontecimentos e nem os desdobramentos futuros do mesmo, portanto, basta que o telespectador tenha o “conhecimento” mínimo sobre determinados “fatos históricos” construídos como, por exemplo, quem ganhou determinada batalha ou guerra, quem são considerados os heróis ou vilões da história, etc. Acreditamos que para que o indivíduo/telespectador saiba disto ele não precisa ter um conhecimento incomum sobre a história, até mesmo porque se ele tiver um interesse fora do comum ele dificilmente assistiria a série sem criticá-la. Para explicitar o que queremos dizer tomaremos como exemplo o capítulo 27 escrito por Gabriel Ferreira de Almeida Paizani intitulado *O mercador da morte* que tem como “fato histórico” a guerra civil americana, mais especificamente a Batalha de Gettysburg ocorrida em dois de julho de 1863. Ao tratar de um tema tão importante para a história norte-americana, conforme bem apontou Paizani, “o episódio procurou não se imiscuir nas questões políticas, econômicas ou ideológicas (como escravidão, invisível no episódio) que geraram o conflito: a guerra poderia ser qualquer uma, o foco não era ela, mas sim a figura de Maquiavel e seus trejeitos perversos”.¹¹ É claro que se trata da opção narrativa do diretor e Paizani faz as suas considerações acerca desta opção, mas o que estamos querendo dizer é que a série não exige do espectador um conhecimento ou interesse por história, pois o fato, que é o terreno comum entre o episódio e o telespectador, pertence ao domínio público. Para o norte-americano está claro que era a Batalha de Gettysburg, já para o público brasileiro se não estava claro qual batalha era, conforme o supracitado, isto pouco importa.¹²

Através do livro podemos perceber que a série, em linhas gerais, procura definir os Estados Unidos como a nação vencedora, o bem, o civilizado, o “salvador da pátria”, a nação a ser seguida como exemplo, sinônimo de progresso e evolução, etc. É claro que esta visão da nação norte-americana não foi construída inocentemente. Neste

¹¹ OLIVEIRA, Dennison de. (Coord.). **O túnel do tempo**: um estudo de história & audiovisual. Curitiba: Juruá, 2010, p. 233.

¹² Como bem alertou Sorlin, não podemos cair no erro de pensar que uma única imagem pode ter um significado, uma vez que as imagens podem se inserir em várias cadeias de significação. KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008, p. 34.

caso partilhamos da ideia de Oliveira de que a série tenta exercer uma forte influência sobre o imaginário coletivo, embora não possamos afirmar, na maioria das vezes, que isto se dê de maneira intencional ou não. Todavia, no capítulo 7, *A última patrulha*, de André Jeremias Schühli podemos aferir que isto se deu de maneira intencional. O fato histórico deste capítulo é a guerra de 1812 entre Estados Unidos e Grã-Bretanha. De acordo com a historiografia o exército norte-americano estava em crise e devido a isto sofreu várias derrotas na frente de batalha, a única exceção foram as batalhas de Louisiana em janeiro de 1815, data em que os protagonistas da série se encontram neste episódio.

Schühli aponta para o fato de que o episódio apresenta os fatos sob o prisma do exército britânico com o intuito de fugir ou se negar a representar o exército dos EUA. A respeito disso o autor diz:

Narrar a luta a partir do lado britânico, neste sentido, não somente exime o episódio de se pronunciar sobre a caracterização que a historiografia apresentara sobre o inglório exército americano, mas ainda permitira fixar a Grã-Bretanha numa dimensão maniqueísta, onde esta é o inimigo inglório e amoral; em oposição aos ianques, que meramente defendem seu território das investidas.¹³

Ainda de acordo com o autor, “o sentido da ação, a de escolher por contar a guerra de 1812 pela sua exceção, faz produzir uma noção que invalida o próprio caráter histórico da produção. As tropas dos EUA foram tudo, menos triunfantes”.¹⁴ Se partilhamos da ideia de Schühli num primeiro momento, discordamos agora. O simples fato do episódio não estar em conformidade com a historiografia, ou do mesmo apresentar um resultado não histórico (ficcional) não invalida o caráter histórico do filme/episódio. Primeiro porque são vários elementos que conferem historicidade a um filme, e segundo se este filme/episódio mesmo apresentando um resultado ficcional for produto de uma escolha que tenha repercussões políticas, à luz do momento de sua produção/exibição o documento/filme poderá ser considerado histórico.¹⁵

A partir das inúmeras assertivas aqui elencadas, acreditamos que, é de fundamental importância, salientar a possibilidade de trabalhar o trinômio:

¹³ KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008, p. 56.

¹⁴ Ibid., p. 60.

¹⁵ RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História: do filme como documentário à escritura fílmica da História. In: MACHADO, M. C. T.; PATRIOTA, R. (Orgs.). **Política, Cultura e Movimentos Sociais**: contemporaneidades historiográficas. Uberlândia: EDUFU, 2001, p. 25-26.

ocultação/revelação/construção na relação entre cinema/televisão e história como forma de negar todo e qualquer tipo de naturalidade a esses registros, entendendo-os em sua complexidade e historicidade,¹⁶ pois por mais que estas imagens/representações não sejam homogêneas e tão pouco exclusivas, já que apresentam pontos de intersecção e complementação, se analisadas em conjunto poderiam ou não revelar algumas relações históricas estabelecidas na sociedade.

Por estas e outras questões não concordamos plenamente com a assertiva de Dennison de Oliveira de que a série exerceu maior e mais duradoura influência sobre o imaginário coletivo nacional no que se refere à formação das nossas concepções de tempo, história e ciência, que ela ajudou a sedimentar certa concepção de História. A nosso ver, os argumentos apresentados para defender tal concepção são insuficientes.

É sabido que as análises foram feitas levando em consideração o contexto de produção da série televisiva. Contudo, quando os autores abordaram questões de ordem técnica, principalmente sobre os efeitos especiais, alguns argumentos nos pareceram frágeis, pois acreditamos que o critério de análise pecou em alguns momentos. Alguns autores, não todos, criticam os efeitos especiais dizendo que foram mal feitos até mesmo para a época. Até aí tudo bem. Contudo, ao que parece, eles esqueceram que se tratava de uma série televisiva, o que por si só já limita os valores originados para a produção, limita-se tudo, até material humano. Não podemos pegar os efeitos especiais feitos por um programa de televisão e querer compará-los com um filme produzido para o cinema, cada um tem o seu lugar próprio, sem falar que cada estúdio, cada produção tem as suas especificidades, não podemos analisar estas questões que envolveram a produção fora de seu contexto original. Alguns podem estar pensando: mas a análise está dentro do contexto. Ora, se olharmos superficialmente sim, porém há ressalvas a fazer.

Para melhor elucidarmos tal questão consideraremos que existem dois contextos que se sobrepõe um ao outro constantemente. Chamaremos o primeiro de contexto particular e o segundo de contexto geral. O primeiro diz respeito àquilo que pertence a um campo menor, aquilo que é restrito, que envolve apenas a equipe envolvida no projeto, no caso o filme/série (produtor, diretor, roteirista, equipe de efeitos especiais, etc.). Já o segundo diz respeito à sociedade em geral, como ela

¹⁶ Kornis propõe o trabalho com o binômio revelação/construção. KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008, p. 14-15.

interfere ou não no processo de produção da obra, seja através de questões sociais, políticas e/ou econômicas. Para que possamos realizar uma crítica bem fundamentada direcionada às questões técnicas temos que levar em consideração todas estas questões envolvidas nesta relação entre o “particular” e o “geral” para que só assim possamos fazer comparações entre os produtos finais (obras prontas para o consumo), de uma mesma categoria, originados da indústria cultural. Só assim poderíamos dizer, com maior propriedade, o que uma obra tem de melhor ou pior em relação à outra, pois cada caso é um caso. Não é porque determinado filme foi produzido no mesmo período que o outro que eles têm que ter o mesmo padrão técnico. As circunstâncias que envolvem cada caso são variáveis e o material humano envolvido é diverso em suas predileções e habilidades, além de variar de uma produção para outra.

Contudo, no que tange à série, acreditamos que Andréa Doré no capítulo 28 *Marco Polo* sintetizou bem o espírito da mesma: “Deliciosamente etnocêntrico, ingênuo na forma, óbvio na caracterização, inverossímil, porém, indiscutivelmente, não se pode considerá-lo inofensivo”.¹⁷

Concluimos que, **O túnel do tempo: um estudo de história e audiovisual** além de ser um livro indicado para historiadores é também indicado para os fãs da série televisiva, pois irá proporcionar a eles um “novo” contato, agora através do livro e sob outra perspectiva, o que não deixa de ser um contato memorialístico com algo que marcou uma etapa da vida deles em um determinado momento.

Por fim, indicamos a leitura da obra como uma bela fonte que sistematiza de maneira bastante eficaz algumas questões atinentes à série televisiva, e que possibilita discussões comuns à academia, um dos fatores de sucesso do livro, além de sua capacidade de possibilitar uma leitura agradável aos mais distintos leitores. Vale conferir.

¹⁷ OLIVEIRA, Dennison de. (Coord.). **O túnel do tempo: um estudo de história & audiovisual**. Curitiba: Juruá, 2010, p. 235.